**LUÍS DA SILVA: NOTAS SOBRE A DISPEPSIA EXISTENCIAL NO LIVRO *ANGÚSTIA* DE GRACILIANO RAMOS**

Cícero José Barbosa da Fonsêca

Secretaria Municipal de Saúde de Colônia de Leopoldina - Alagoas

RESUMO

*Angústia*éumlivroque suscita diálogo com aspectos muito pertinentes da atualidade, onde Graciliano Ramos se debruçou sobre os sofrimentos e angústias de seu tempo. Uma obra esvaziada de utopia, uma ficção que narra imagens entrecortadas de situações limítrofes, muitas vezes em flashbacks que invadem a consciência gerando fluxos de pensamentos e sentimentos, tornando o personagem principal Luís da Silva, um sujeito dispéptico, para o qual a vida aparece como um amontoado incessante de cenas que não sabe esquecer por não ter desenvolvido a habilidade de gerir/gestar o fluxo de seus pensamentos e sentimentos, tornando-se um homem cuja a vitalidade degenerada corrói suas entranhas, e que quanto mais o corrói, mas o separa de si e dos outros, convertendo-o num grande depósito de impressões psicológicas ‘mal digeridas’, refém de suas marcas e profundamente marcado por inúmeras situações.

**PALAVRAS-CHAVE**: Angústia; Luís da Silva; Sofrimento; Dispepsia Existencial; Vitalidade

INTRODUÇÃO

*Angústia* é um romance moderno que tem como relevância fundamental os aspectos éticos (MATTA, 2008). O autor denuncia a depravação dos valores, o modelo capitalista explorador que gera uma “gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida” (CÂNDIDO, 1992 apud MATTA, 2008). Dessa forma, retrata a realidade de um personagem com profunda dificuldade em digerir as situações.

*Angústia* (1936) é o terceiro romance publicado de Graciliano Ramos, vindo antes *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934). O romance, escrito após a grande mudança que, entre outras coisas, a Primeira Guerra Mundial provocou na forma de pensar do homem moderno, é um livro que abarca a volta do homem para seu interior, enfocada na literatura moderna mediante a consciência do descompasso existente entre a realidade e sua representação.

Romance de ritmo fragmentário, representa formalmente a dissolução de seu principal personagem, Luís da Silva, que vive entre dois mundos ao mesmo tempo.  Como pseudo-autor, narra no livro sua vida cinzenta, fixando-se em tênue fio narrativo presente para o mergulho profundo no passado, refúgio do desconcerto psicológico, histórico, social e político.  O paradoxo desta obra instaura-se na bipolaridade da situação: de um lado o homem com seus limites, de outro o sentido da ordem dentro da qual se coloca este mesmo homem, sedento de liberdade e de transgressão para com esta ordem.

O ritmo da narrativa ganha força e rapidez, há pressa em Luís de se encontrar com algo ou melhor de se desvencilhar de algo. Algo que pode ser compreendido como uma angústia que o acompanha do início ao fim do livro. Angústia geradora de desesperança, geradora de uma vida introspectiva, solitária e desgostosa. Angústia geradora de uma vivência narrada de modo frenético como um grande monólogo interior. Segundo o crítico Alfredo Bosi, (apud LIMA, 2008) "tudo nesse [romance](http://pt.wikipedia.org/wiki/Romance%22%20%5Co%20%22Romance) sufocante lembra o adjetivo 'degradado'”.

Título do romance, *Angústia*, não poderia ser mais apropriado. A narrativa centra-se, conforme Gimenez (2012), quase que unicamente, nas confissões de Luís da Silva, narrador-personagem, nas memórias, nas lembranças, na sua dispepsia existencial. Luís da Silva, o protagonista, incorpora um sentimento desesperador, dilacerante e autodestrutivo, para o qual a felicidade não é possível, nem para um indivíduo, nem para uma coletividade. Um ser solitário com uma história sofrida de abandono e de perdas, que não consegue encontrar um caminho para a manutenção de sua sanidade, que não consegue desliga-se de sua história pra produzir outras histórias.

Um livro, de acordo com Santos (2004) que suscita diálogo com aspectos muito pertinentes da atualidade, onde o autor se debruçou sobre os sofrimentos e angústias de seu tempo. Uma obra esvaziada de utopia, uma ficção que narra imagens entrecortadas de situações limítrofes, muitas vezes em flashbacks que invadem a consciência gerando fluxos de pensamentos e sentimentos, tornando o personagem principal Luís da Silva, um sujeito perturbado, para o qual a vida aparece como um amontoado incessante de cenas que não se concatenam.

Pertencendo a uma sociedade repulsiva na qual “parecer” vale mais do que o “ser”, Luís da Silva vive uma miséria existencial, funcionando apenas como um parafuso da sociedade (SANTOS, 2004), uma peça da engrenagem do capitalismo. Situação típica do dispéptico, de acordo, com Nietzsche. Fazendo com que o personagem seja um Silva qualquer, ou um Zé Ninguém, dominado por suas resignações sociais, gerando ainda mais impotência diante de outros e de si mesmo (SILVA, 2007).

Um homem de origem rural, que ao longo do romance demonstra extremo desajuste com relação aos códigos urbanos, sem encontrar um lugar próprio. Um homem que demonstra viver um profundo desenraizamento, numa sociedade marcada pela redução da dimensão do contato. Trata-se no limite, da reificação das relações sociais, do achatamento dos elementos humanos, gerador de grande sofrimento.

SOFRIMENTO EM LUÍS DA SILVA

Homem de 35 anos, que se auto-define como tímido e feio, como “um pobre diabo; “um filho do nordeste, perseguido pela adversidade”, “um sertanejo, um bruto, um selvagem”. É morador do centro de Maceió (Alagoas). Trabalha como um funcionário público medíocre e diz ser um ávido leitor de romances - em geral ruins. Para aumentar sua escassa renda, escreve e vende textos para outras pessoas assinarem. Declara não ter sonhos, nem mesmo crenças, sequer utopias; leva uma “vida de sururu”, uma vida estúpida.

O narrador de *Angústia*, espezinhado, traumatizado, esbulhado pela vida — este reage, ressentido que é em função das adversidades da vida. Marcado por um tipo de sofrimento que atinge o ponto da exasperação, com as comportas cheias de água estagnada. Um indivíduo que poderia ser claramente denominado de expectador, por assistir a vida mais que vivê-la. Cheio de situações passadas que o devasta psicologicamente, que o invadem continuamente (REIS, 2008). Vivendo um eletrochoque de lembranças. Imagens trágicas do meio rural e da vida urbana de Luís se juntam para entoar o coro da tragédia. Início e fim do romance se fecham quais pontas de um leque.  *Angústia* é, de acordo com Silva (s.d.), um pesadelo contínuo que impõe o narrador a vivências que se manifestam de maneira difusa e com profundidade.

Luís da Silva recorda acontecimentos do passado, é oprimido tendo tudo em seu histórico caminhando para o seu rebaixamento. Além de ser preterido por Marina sem qualquer justificativa, tem um histórico de vida recheado de dificuldades. Vivendo num mundo em que predomina a força do dinheiro (SANTOS, 2004), ele se atola em dívidas, aluguéis não pagos, empréstimos tomados para agradar a amada.

Uma pessoa atormentada por uma mente perturbada, caracterizada por um jorro de pensamentos contraditórios. Uma vida desvitalizada, sem expectativas. Uma pessoa marcada em suas andanças por imagens do cotidiano da cidade mescladas às lembranças remotas, de “defuntos antigos” que o importunam. Situações passadas que o acompanham transformando seu dia-a-dia.

Familiarmente podemos dizer que ele é oriundo de fazendeiro alagoano decadente. Com a morte, primeiro do avô e, mais tarde, do pai, vê-se, assim, em completa solidão e abandono. Enfrenta, com isso, muitas dificuldades, miséria, mendicância, humilhações, dormindo nas ruas e praças, implorando por empregos e favores. Essa vivência lhe gera uma grande revolta, um profundo ódio e desprezo pela humanidade (MATTA, 2008).

Percebe-se a ausência da figura materna na vida e na memória de Luís da Silva (REIS, 2008). No decorrer da narrativa são praticamente inexistentes indícios de sua mãe. Suas recordações da infância remetem ao avô, ao pai, à avó, à empregada da família, mas há um silêncio sobre sua mãe.

A lembrança da relação com o pai, por exemplo, é cercada de sentimentos desagradáveis, de sensações relacionadas à falta de ar, sufocamento e humilhação. Não é toa que Luís da Silva relembra os mergulhos forçados que o pai lhe dava num açude, onde o menino era largado e elevado à superfície da água. Era um exercício penoso para aprender a nadar. A água – signo que poderia conotar “vida” – sugere aflição, angústia (MATTA, 2008).

Uma narrativa marcada por um movimento angustiante, onde passado e presente misturam-se, chocam-se, imagens e lembranças que teimam em emergir confundidas aos cenários do dia-a-dia.

Percebe-se ao longo da narrativa que a consciência vive a transbordar, ou melhor, a ser inundada por flashes memoriais. Transbordamentos abruptos, que geram reviravoltas. Pensamentos negativos, memórias ruins, lembranças carregadas de sofrimento que chegam, invadem, tomam conta da consciência, mudando sentimentos, trazendo tristeza, raiva e revoltas em relação a vida, ao outro e ao mundo.

No decorrer da narrativa se esclarece o motivo do desencadeamento desse fluxo de pensamentos persecutórios. Pensamentos que chegam, invadem e geram mudanças. Pensamentos em relação a Marina. Mulher fútil e imatura, mas que despertou nele sonhos. Porém, é traído pela jovem, que o troca por Julião Tavares. Situação vivida com enorme sofrimento. Tavares é figura que suscita náuseas em Luís da Silva e que lhe desperta ódio visceral, justamente por representar seu extremo oposto, tanto social, intelectual quanto pessoalmente. A traição foi um episódio que aflorou em Luís da Silva uma espécie de loucura (REIS, 2008).

O desfecho da história – assassinar seu rival Julião Tavares – demonstra que Luís da Silva parece não ter vivido de maneira saudável as etapas iniciais de sua vida, impedindo um certo controle das emoções e um bom relacionamento consigo mesmo, com os outros e com a natureza.

Além da ausência materna, cuja presença poderia garantir uma dose de amor para equilibrar seu percurso existencial, o autoritarismo paterno golpeia sua espontaneidade infantil e prejudica seus vínculos com os outros. Luís da Silva chega a relatar que sempre brincou sozinho (LIMA, 2008). A falta da figura materna, ou um corte prematuro dessa vinculação tão profunda, somada ao autoritarismo do pai e do avô parecem ter dificultado o crescimento e o processo de integração, comprometendo sua criatividade (SAFRA, 2004).

Um vínculo cuidadoso, intenso, profundo – que para ele, poderia ter sido Marina – talvez colaborasse para corrigir parte das funestas consequências dessa falha inicial, trazendo esperança, crescimento e integração (SAFRA, 2004). Tanto é que quando se apaixona, repensa toda sua vida e almeja mudanças mais significativas, busca uma adequação maior a profissão, melhora sua aparência, faz economias para casar e ter uma família. Luís da Silva tentaria experimentar um enlace de confiança, de entrega e acolhimento, refazendo laços e criando outras possibilidades de viver, que substituísse sua “vida de sururu”.

Em passagens do livro *Angústia*, conforme Lima (2008), é perceptível a falta de amor a vida, passagens que pode-se dizer bastante dolorosas, reveladoras da precariedade afetiva de Luís da Silva, que também desconsidera a mulher, desferindo contra ela termos desqualificadores.

Vivendo sob a lógica angustiante, sob o fluxo de pensamentos ambíguos. Tanto que ao mesmo tempo que alimenta desconsideração em relação as mulheres também concebe as mesmas como possibilidade de galgar uma vida mais ordenada e menos largada, nos raros momentos de serenidade, em que consegue se salvar de tantas fantasmagorias.

Importante mencionar que Marina não é vista em sua integralidade por Luís da Silva. Ela é vista de maneira fragmentada. Luís da Silva não consegue perceber o mundo como uma totalidade, nem as pessoas como um outro íntegro; as pessoas são objetos parciais para ele. Talvez, por essa fragmentação mental. Fato de ele se relacionar com os outros não como pessoas inteiras, não como objetos integrais, mas como partes de objetos, na mesma medida em que ele próprio também não atingiu um estado de integração que lhe proporcionasse ser uma pessoa inteira, com um eu integrado. O outro, para ele, é percebido como um objeto parcial, desejado para satisfação de suas necessidades específicas, amado como objeto parcial, amado quando lhe traz prazer e odiado quando o frustra, sensações análogas às de uma criança (MATTA, 2008).

Luís da Silva lê o mundo de maneira fragmentada, ficando claro que tal visão é filtrada pela percepção e, esta última, pela subjetividade. Vivendo imerso em ambivalências, ele é vencido justamente pela sua impossibilidade de integração consigo mesmo, estendendo aos outros sujeitos esta sua dificuldade; por isso não consegue viver em comunidade, a não ser obrigado e contrariado. Sem utopia, sem esperança, dominado por uma subjetividade reativa (SILVA, 2007), reafirmada pela frustração diante da cultura recebida, não consegue ser um homem civilizado.

Personagem que não encontra prazer na civilização (MATTA, 2008). Uma estrutura familiar decadente e fragmentada; ele não consegue recontruí-la na convivência com outros. A religião não lhe toca a sensibilidade, assim como, as instituições organizadas na base do clientelismo e do nepotismo.

Com Luís da Silva não existe liberdade de ser; existem tentativas de sobreviver (SANTOS, 2004), entre as quais sua aparente submissão a um status quo. Ele se considera um civilizado por ter um cargo público, uma formação escolar razoável, por atuar em jornais, por ler romances, civilidade esta que não garante sua adequação à coletividade, com um comportamento adaptado, submisso.

Seu mundo externo lhe causa naúsea, ódio, nojo; não há na sociedade ser humano digno de admiração, subordinado que está as leis contraditórias, à exploração, à pobreza, às injustiças. O relacionamento com os outros caracteriza-se por pura frustração e desgosto. Resta-lhe, então, segundo Matta (2008), o refúgio em sua subjetividade triturada e a rejeição ao mundo. Sem experiências de amor, sem religiosidade, sem utopias. Diante disso, Luís da Silva, condiciona-se aos sentimentos que mais conhece: o desespero, a dor, o pessimismo e a desesperança.

O isolamento e o distanciamento do convívio social são atitudes características de Luís da Silva que geram ainda mais interiorização (SILVA, s.d.). Prefere a solidão e vive só. Sente-se incomodado quando rodeado de pessoas. Imerso em lembranças, sentimentos, pensamentos que se configuram como sombras que se impõe sobre sua subjetividade transformando-o, configurando borrões, apagando a possibilidade de ser para além do que é, e gerando ainda mais ambivalências, fragilizando ainda mais sua constituição afetiva, marcada por traumas e impotências, aprofundados por contingências sócio-econômicas adversas que marcam a vida do homem sertanejo.

 Luís da Silva, vivendo em meio a realidade e a fantasia, muito mais em fantasias que em realidade, de tal maneira, que se confundem. Seu olhar procura resgatar cenas do cotidiano como se fossem passadas por uma câmera de filmagem que mostra cenários em ruínas, que representam o próprio mundo interno esfacelado da personagem. Há um entrecuzamento de imagens que evocam modos de existência diversos, que não se instauram, não se integram, que não interagem.

 A esperança em Luís da Silva é sórdida, a vida é conjugada quase sempre em tempos pretéritos, não há um resgate de um passado glorioso. Falta tranquilidade, inocência em sua vida. Refere ao ambiente empoeirado das repartições, ao tédio do espaço privado e ao medo que atordoa as ruas. A cidade é vista e vivida como um lugar que exaspera os sofrimentos (REIS, 2008).

 Com a derrocada da aristocracia rural, o horizonte que se apresentou a Luís da Silva foi a cidade grande, em que os códigos são outros, os da modernidade, regida pelo capital (moda, “burguesia”, competição, individualismo). Esse mundo, “constamente em mudança”, de acordo com Santos (2004), opõe-se frontalmente ao contexto rural, pois não se baseia na manutenção das velhas estruturas.

 Em *Angústia* a verve do narrador-personagem está orientada por um sarcasmo implacável em relação aos outros e por um pessimismo mórbido em relação a si mesmo. Tudo é submetido ao crivo do narrador, o mundo, as coisas, a imaginação, as sensações dos coadjuvantes flutuam por meio do fluxo narrativo programado pelo narrador (LIMA, 2008). Uma narrativa entremeada de reminiscências da infância de Luís da Silva, sensações sobre o calor da cidade grande e juízos corrosivos em relação aos ordinários da repartição pública.

 É próprio das lembranças ressurgirem desordenadamente, por isso o seu caráter não cronológico. Mergulhando no passado, em lembranças involuntárias que vem e vão, numa viagem angustiada. A consciência angustiada traz à tona a culpa, que lhe faz sentir-se sujo fisicamente, por isso a obsessão pela água purificadora que “lava tudo, as feridas mais graves cicatrizam” (RAMOS, 2004, 103). É essa culpa, esse sofrimento que força Luís da Silva a descer nas camadas internas de si, a fim de encontrar a verdade dos sentimentos e buscar a justificativa para ser absorvido de seu crime.

 Luís da Silva é um personagem destroçado que não encontra sentido para a vida e nutri um desejo secreto de aniquilamento e destruição. Tem uma visão distorcida da realidade, ou melhor, uma consciência distorcida pela subjetividade “doente” (MATTA, 2008). E neste sentido, presente, passado e futuro comparecem na cadeia significante, sempre assumindo o trajeto do estrangulamento e da sufocação – sensação física correspondente à angustia (fenômeno psíquico). Todos os fatos-biográficos, sociais, eróticos são revestidos desse signo. Luís da Silva narra a própria vida e a dos outros sob o signo do enforcamento e do binômio sujeira-limpeza.

 Luís da Silva narra os fatos de sua vida sob o crivo dos pensamentos obsessivos de sujeira e contaminação, degradação e fragmentação (MATTA, 2008). Há no protagonista uma incapacidade de operar no âmbito do simbólico - aliás, há na obra inúmeros indícios de que o protagonista acha-se impossibilitado de gozar, nas virtualidades do literário, um desligamento de si mesmo.

 Essa eclosão de pensamentos, sentimentos angustiantes em *Angústia* é impulsionada ou facilitada pela incapacidade do protagonista em reagir adequadamente ao teatro social. Uma pessoa, de acordo com REIS (2008), impossibilitada de desligar-se do real degradante e lançar-se à experiência simbólico-imaginativa. Uma pessoa impossibilitada de desligar-se das experiências passadas. Uma pessoa imersa numa existência degradante.

 Uma obra que se constrói em abismo (MATTA, 2008). A psique de Luís da Silva repete alguns significantes, dentre eles o enforcamento. Ele é compelido, como que por uma força que o ultrapassa. Imerso em pensamentos negativos que lhe dominam e que fazem dele o que quer. A sensação de impotência imposta por elementos interiores que o impede de viver experiências novas, imerso que está em sua dispepsia existencial.

DISPEPSIA EXISTENCIAL EM LUÍS DA SILVA

O tema da dispepsia é apresentado por Nietzsche em sua obra “Genealogia da Moral” como a incapacidade de se livrar das “dores e desventuras” e de “se relacionar com as pressões externas e com os inimigos (fontes de dor)”. Ele fala de dois tipos de sujeitos: um que gere suas dificuldades (NIETZSCHE, 2009), a qual se processa mediante a exteriorização dos afetos, “num movimento que elimina a dor ao mesmo tempo em que libera a consciência para novas expectativas”; no outro, reativo, dispéptico, incapaz de gerir as situações, assim como esquecê-las, o que ocorre é “um tipo de ‘ação’ compensatória, que se processa de forma fantasiosa, descarregando para dentro de si, desenvolvendo um processo de interiorização, que tende a ser profundo, gerando adoecimentos diversos a nível psicológico.

 Neste sentido, o dispéptico é um sujeito ressentido, marcado pela internalização do sentimento desenvolvendo instinto de vingança, encontra-se em associação com a capacidade ou incapacidade de promover uma descarga externa de forças (NIETZSCHE, 2009). Não podemos esquecer, de acordo com Nietzsche (2009), que a culpa é oriundo desse processo de interiorização e internalização do sentimento. E sendo marcado por formas de sofrimento psíquico que não se restringem apenas a uma inquietação, mas denunciam processos de fragmentação do ser e fragilidade da própria constituição psíquica. A dispepsia denuncia um processo de profunda interiorização e internalização , que segundo Nietzsche (2012), é um processo doentio.

 Desvinculado de suas raízes, imerso em relações predatórias do outro e de si, profundamente reduzido a objeto, de acordo com Sá; Mattar & Rodrigues (2006), como consequência deste estilo de vida degrandante, ocorre a deterioração das relações interpessoais.

 Sua capacidade de metabolizar e atribuir sentido à experiência está extremamente prejudicada (MATTA, 2008). Interessante pensarmos a cerca de enquanto um ser desestabilizado, carregado de situações onde não lhe é dado o tempo e espaço próprio da digestão, tornando um ser ressentido, fragilizado, resultando numa experiência de intensa incerteza e imprevisibilidade, tantas vezes associada situações de fracasso e frustração, ao mesmo tempo em que é confrontado com exigência do rendimento e do sucesso do mundo ao qual vive.

 A experiência ou o sentido se torna cada vez mais raro devido a dispepsia (NIETZSCHE, 2009), por falta de tempo e espaço próprio para o acontecer humano. Tudo o que se passa, passa demasiadamente ligado ao passado, cada vez mais paralisante, cada vez mais angustiante (NIETZSCHE, 2003). A dispepsia é inimiga mortal da experiência e do sentido, por não permitir se concentrar no momento presente, por não conseguir dar conta de nada, por torna-se refém do tempo, de um tempo vivido de maneira sofrida.

 A experiência, a possibilidade da digestão em Luís da Silva, a possibilidade de que algo lhe aconteça ou toque, precisaria de um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível em Luís da Silva. Na verdade, ele tentou quando da aproximação a Marina.

 Os sintomas mais nítidos da dispepsia em Luís da Silva se manifestam na sua incapacidade de esquecer os contratempos passados. Vive carregado, cheio de situações, cheio de si mesmo, marcado pelo excesso de interiorização. Intoxicado, condenado ao não esquecimento. Diante disso, Luís da Silva não consegue processar de maneira conveniente o que lhe chega, desenvolvendo um processo similar ao que ocorre numa má digestão orgânica, tanto que Nietzsche (2009) o considera um dispéptico, por não conseguir dar conta de suas experiências. E por não conseguir digerir psiquicamente uma situação, tenderá a ruminar morbidamente, hipertrofiado que se encontra em termos de memórias. Segundo Nietzsche (2012), a dispepsia decorreria sobretudo da incapacidade do indivíduo em ‘saber esquecer’, ou seja, saber assimilar as impressões dos eventos, desenvolvendo intensos afetos mórbidos e degenerativos que o torturam cruelmente.

 O homem contemporâneo é um homem que não sabe esquecer, ou seja, que não desenvolveu a habilidade de gerir/gestar o fluxo de seus pensamentos e sentimentos, é um homem cuja vida ética, estética e política fenece (CORREIA, 2011). Um homem marcado pela má digestão, que degenera sua vitalidade, que como uma espécie de rato corrói suas entranhas, e que quanto mais o corrói, mas o separa de si e dos outros, convertendo-o num grande depósito de impressões psicológicas ‘mal digeridas’.

 A partir de Nietzsche, percebemos que o personagem principal de *Angústia* é um dispéptico, um doente do ressentimento, que muitas vezes reage, ressente, por incapacidade de agir, de sentir, pois tem dificuldade de digerir. Digerir é metabolizar e externalizar, não amargando, não internalizando, não envenando nem abarrotando a vida. É, segundo NIETZSCHE (2012), completamente ligado aqueles que se arriscam na aventura da experimentação, da ação.

 Um sujeito dispéptico caracterizado pela impotencialização da vida, em guerra contra o presente, imerso cada vez mais numa sensação de desnoteamento, de insegurança, de desonrientação, de instabilidade nas relações, pelo empobrecimento dos laços afetivos e pela ausência de referenciais. Esta pode ser uma boa definição para Luís da Silva.

 O mundo de *Angústia* é um mundo que coage Luís da Silva, marcado pelo crescimento do desprezo, da generalização da desconsideração de si e do outro, do desrespeito, da recusa da alteridade a que tem direito o ser humano (SAFRA, 2004). Sinais presentes no indivíduo dispéptico são desapego ao mundo, ao outro, ao humano, cujo efeito é a precariedade do vínculo (NIETZSCHE, 2009). Em toda parte de *Angústia* é possível perceber, de acordo com Matta (2008), solidão, vazio, vulnerabilidade, dificuldade de sentir, além do sentimento de inexistência e de futilidade.

 Condição dispéptica em que a vida é negada, negada em sua efetuação de movimentos, na construção de territórios de existência, na produção de modos de subjetivação.

CONCLUSÃO

 Luís da Silva imerso em mal estar difuso e invasor (GIMENEZ, 2012). Dito de outra forma, imerso em sofrimento que reflete a fragmentação, revelando dificuldade de constituição e sustentação psíquica, decorrentes da fragilidade, da ruptura e da ausência de relações vinculares e dos laços sociais. Fragmentação da subjetividade, que parece atravessar o livro *Angústia* de ponta a ponta, constituindo o aspecto fundamental do mal-estar de seu personagem principal.

 Sendo dispéptico, Luís da Silva não se livra de nada, não ‘dá conta’ de nada. Mais literalmente ainda: não dando conta de nada, nunca fica pronto pra o novo, para o presente, para as novas experiências. Torna-se refém de suas marcas e profundamente marcado pelo passado ao qual não consegue se desvencilhar.

 Adormecido em uma passividade aviltante Luís da Silva é profundamente paralisado e encarcerado em seu mundo interior. Encarceramento que faz mal a saúde existencial, que impossibilita o acontecer humano, na verdade, organizado desta forma nada de novo lhe acontece. Um mundo pobre de experiências é o que caracteriza o seu mundo.

 Personagem que serve-se de mecanismos de memória involuntária para percorrer sua trajetória de volta ao passado, em consequência mistura coisas atuais e coisas antigas. E com isso, torna-se uma obra que o tempo se arrasta lentamente, pesado, carregado, cheio de hiatos, esfumaçado, com lembranças meio vagas, nebulosidades, projeções, alucinações, delírios e confusões mentais. Luís da Silva absorvido cada vez mais em si mesmo, concentrado cada vez mais sobre sua história.

Graciliano Ramos se preocupa em exteriorizar o interior de um homem dilacerado. Luís da Silva representa a dura realidade do homem que vive o drama de seu destino no Brasil da década de trinta. E porque não também nos dias atuais. Ele soube como ninguém entender a criatura humana enfocando o aspecto psicológico e sua posição social. E *Angústia* é uma obra cuja narrativa é profundamente dispéptica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, L. A condição humana em tempo de globalização: a busca do sentido de vida. **Revista Visões**, v. 1, n. 4, jan./jun. 2008, pp. 1-15.

Correia, A. Sobre o trágico na ação: Arendt (e Nietzsche). **O que nos faz pensar?***,* n. 29, maio/ 2011, pp. 60-73

Ferraz, M. . Nietzsche: esquecimento como atividade. **Cadernos Nietzsche**, n. 7, 1999, pp. 27-40.

Fortes, R. F. Angústia e os tormentos da memória. **Revista de Literatura, História e Memória – Narrativas de extração histórica**, n. 4, v. 4, 2008, pp. 215-229.

Gimenez, E. T. Mal sem mudança – Notas iniciais sobre Angústia. **Estudos de psicologia,** n. 76, v. 26, set/dez. 2012, 11pgs.

Lima, M. H. Narrativa misógena em Angústia, de Graciliano Ramos. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 13, out/2008, pp. 58-68.

Matta, C. F. H. Angústia: sombras de uma subjetividade incivilizada. **XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, interações e convergências**, USP, Jul./2008, 10pgs.

Oliveira, I. T. A 70 anos de Angústia, de Graciliano Ramos: visões da crítica. **Revista de Letras**, n. 28, v. 1 e 2, jan./dez.2006, pp. 138-143

Nietzsche, F**. Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida.**Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2003.

Nietzsche, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

Nietzsche, F**. A gaia ciência***.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Ramos, G. **Angústia**. São Paulo: Record, 2004.

Reis, T. T. Homens em tempos de angústia: Graciliano Ramos e a melancolia contemporânea. **Revista Urutágua – Revista Acadêmica multidisciplinar**, n. 14, jan-mar./2008,

Sá, R.; Mattar, C. & Rodrigues, J. Solidão e relações afetivas na era da técnica. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF***,* v. 18, n. 2, jul./dez. 2006, pp. 1-12

Safra, G. **A po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.

Santos, R. Sociedade e literatura no romance *Angústia* de Graciliano Ramos. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, n. 3, v. 4, 2004, pp. 133-141

Silva, N. U. Um Luís da Silva qualquer: a inadaptação à cidade moderna em Angustia, de Graciliano Ramos. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: a cidade no romance**, n. 1, v. 3, jan./jun. 2007, 11 pgs.

Silva, S. A. L. Memórias de Luís da Silva: o homem do subsolo. **Darandina – Revista eletrônica**, n. 2, v. 2, s.d., 17 pgs.